

## ENTRE RIMAS E ESQUINAS: AS BATALHAS DE RIMAS E RODAS CULTURAIS NAS ENCRUZILHADAS DA CIDADE<sup>i</sup>

*Guilherme Marcelino dos Santos<sup>1</sup>*

**Resumo:** As Rodas Culturais e Batalhas de Rima no Rio de Janeiro transformam a rua em um espaço de criação, encontro e disputa simbólica. Esses eventos reúnem MCs, poetas, grafiteiros e DJs, ressignificando o ambiente urbano como palco para a expressão artística e o debate político. No entanto, a ocupação da rua por essas manifestações enfrenta desafios como a falta de apoio institucional e a repressão estatal, evidenciando a tensão entre cultura popular e políticas públicas. Este estudo, parte de uma pesquisa de doutorado em Sociologia, investiga como a rua se constitui como território cultural e político dentro do Hip-Hop. A análise parte de referenciais teóricos como Stuart Hall, Homi Bhabha, Michel Foucault e Antonio Gramsci, além de pesquisas sobre Hip-Hop no Brasil. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, com observação participante, entrevistas com artistas e produtores culturais e análise de registros audiovisuais e documentos institucionais. Os resultados indicam que a rua é mais do que um espaço físico: ela é um território de disputa, pertencimento e criação coletiva. As Rodas Culturais, ao ocuparem o espaço público, reafirmam a cidade como um direito e promovem novas formas de articulação comunitária. A valorização dessas práticas é essencial para a formulação de políticas públicas que garantam sua continuidade e reconhecimento enquanto patrimônio cultural.

**Palavras-chaves:** Hip-Hop; Rodas Culturais; Rua

**Abstract:** Cultural Circles and Rap Battles in Rio de Janeiro transform the streets into spaces of creation, encounter, and symbolic dispute. These events bring together MCs, poets, graffiti artists, and DJs, reimagining the urban environment as a stage for artistic expression and political debate. However, the occupation of public spaces by these manifestations faces significant challenges, including a lack of institutional support and state repression, revealing the persistent tension between popular culture and public policy. This study, part of a doctoral research in Sociology, explores how the street becomes a cultural and political territory within the Hip-Hop movement. The analysis is grounded in theoretical frameworks by Stuart Hall, Homi Bhabha, Michel Foucault, and Antonio Gramsci, as well as in existing research on Brazilian Hip-Hop. Methodologically, the study adopts a qualitative approach, including participant observation, interviews with artists and cultural producers, and the analysis of audiovisual records and institutional documents. The findings indicate that the street is more than a physical space: it is a territory of contestation, belonging, and collective creation. By occupying public spaces, Cultural Circles reaffirm the city as a right and foster

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia (PPGS – UFF), Mestre em Culturas e Territorialidades (PPCult – UFF). E-mail: gmarcelino@id.uff.br

new forms of community engagement. Recognizing and valuing these practices is essential for the development of public policies that ensure their continuity and recognition as cultural heritage.

**Keywords:** Hip-Hop; Cultural Cyphers; Street

## Introdução

O Hip-Hop é um movimento nascido nas ruas, dentro dos guetos, como apontado por Tricia Rose (1994), que analisa suas origens nos bairros periféricos dos Estados Unidos, destacando sua conexão com as desigualdades sociais e as expressões culturais da juventude negra. Entretanto, suas raízes podem ser traçadas para além do contexto urbano contemporâneo, remontando a tradições orais e musicais africanas. Conforme Elijah Wald (2012) demonstra, práticas como *The Dozens*—um jogo verbal presente em comunidades afro-americanas—possuem conexões diretas com formas de expressão da diáspora africana, estabelecendo um vínculo entre as práticas performáticas da cultura Hip-Hop e tradições orais africanas. Assim, compreender o Hip-Hop exige um olhar que reconheça suas ligações históricas e culturais com a África, não apenas como um passado distante, mas como um elemento vivo que se reinventa nas ruas e nos guetos contemporâneos.

Escrever sobre a rua colabora no entendimento nas motivações e movimentações das juventudes presentes nas Rodas Culturais e Batalhas de Rimas que são os objetos principais desse estudo. Para além, ela parte da “*essência*”<sup>ii</sup> do Hip-Hop, onde esses movimentos culturais estão inseridos.

As ruas são um mosaico de realidades contrastantes, onde o asfalto, o barro e a pedra se entrelaçam. Semelhanças e repetições se fundem com a diversidade, criando um caleidoscópio de vivências. Espaços de sociabilidade onde a realidade de um se torna a distopia do outro. As histórias que brotam desses lugares, narradas pela “voz” dessa “entidade”, transcendem as diferenças.

Dentro da reflexão sobre as ações da e na rua, há pretensão, sim, em apontar como ela foi utilizada pelo movimento cultural. Deve-se entender e

compreender que o movimento Hip-Hop, enquanto cultura, modos, táticas e astúcias de resistência e re-existência foram criadas pelos negros dos guetos.

Como proposta para a compreensão da rua e sua importância para as Rodas e Batalhas, buscamos compreender - metodologicamente - como a rua é importante e como ela se mostra, como é entendida e o que, a partir dela, pode ser realizado.

Neste estudo, propomos uma imersão profunda na complexa relação entre a rua e as práticas culturais urbanas, com foco específico nas Rodas Culturais e Batalhas de Rima do movimento Hip-Hop. A rua, para além de um mero espaço físico, emerge como um ator social dinâmico e multifacetado, carregado de significados e práticas que moldam as experiências e identidades dos indivíduos que a habitam.

Para compreender a riqueza e a complexidade dessa relação, utilizamos uma abordagem metodológica que combina diferentes perspectivas teóricas e empíricas. Baseamos nossa análise a partir de diferentes perspectivas, utilizando as contribuições de Arno Vogel (2009) para entender as relações entre a rua e a casa como espaços complementares e, por vezes, intercambiáveis, também Jane Jacobs (2011), Harvey (2014) e Park (1967) para compreendermos a rua a partir de um sentido um pouco mais objetivo.

A rua, palco pulsante das Rodas Culturais e das Batalhas de Rima, emerge como um espaço sagrado e de profundas significações. A filosofia ubuntu, com sua ênfase na interconexão e no cuidado mútuo, encontra um eco nas relações estabelecidas nesse ambiente, onde o respeito, a solidariedade e a valorização da palavra são pilares fundamentais. A figura de Exu, por sua vez, como orixá das encruzilhadas e da comunicação, nos auxilia a compreender a rua como um espaço de transição e transformação, onde diferentes culturas, identidades e experiências se encontram e se misturam. Assim como Exu, a rua atua como um atravessador, conectando indivíduos e comunidades, promovendo a troca e o diálogo.

Ao explorar as letras de música, percebemos como a rua é representada como um espaço de resistência, de afirmação de identidade e de construção de uma comunidade. As Rodas Culturais, nesse contexto, podem ser vistas como

rituais que celebram a vida, a comunidade e a ancestralidade, fortalecendo os laços sociais e promovendo a valorização da cultura local.

Para complementar essa abordagem teórica, realizamos um trabalho de campo, que incluiu entrevistas semi-estruturadas com frequentadores, produtores de Rodas Culturais e artistas envolvidos no movimento Hip-Hop, além de uma etnografia participante em diversas rodas no Rio de Janeiro. Essa imersão nos permitiu captar a vivência cotidiana da rua, compreendendo as nuances de suas práticas e significados a partir da perspectiva dos próprios sujeitos.

Ao analisar letras de músicas de artistas como BK, Felipe Ret, TZ da Coro e Orochi, investigamos como a rua é representada e re-significada dentro da cultura Hip-Hop. A música, enquanto elemento central dessa cultura, é tratada como um processo contínuo que interage com o contexto social e cultural, refletindo as experiências e as aspirações dos jovens que a produzem.

Diante dessa perspectiva, este estudo busca aprofundar a compreensão da rua não apenas como um espaço físico, mas como um território social e simbólico fundamental para as dinâmicas culturais e identitárias do Hip-Hop e das Rodas Culturais. Para isso, exploramos diferentes abordagens teóricas que problematizam a noção de rua, desde sua função como espaço de convivência e sociabilidade até sua ressignificação pelas juventudes periféricas. Também analisamos a presença da rua no discurso do rap, mostrando como a música reforça seu caráter de pertencimento e contestação, e, por fim, examinamos as Rodas Culturais e Batalhas de Rima como fenômenos que emergem dessa relação, evidenciando a importância da rua para a construção artística e social dos jovens que nela atuam. Dessa forma, propomos uma reflexão ampla sobre como a rua, mais do que um cenário urbano, é um elemento ativo na constituição de identidades e expressões culturais.

## **A RUA ENQUANTO RUA**

A rua é parte indispensável do espaço urbano. É através dela que os sonhos, pessoas e por que não, as diversas formas de capital escoam e fazem a cidade se movimentarem. É importante percebermos, a priori, que trataremos

a rua enquanto um elemento muito utilizado e reverenciado. Enquanto espaço coletivo onde muito da vida cotidiana acontece. Mas como trataremos esse espaço?

Bem, em primeiro lugar, podemos apontar a forma como não será tratada. A rua, conforme DaMatta (1986) indica, apesar de servir para o lazer é o contraste da casa. Mesmo que em sua análise, aponte que em ambos os espaços - casa e rua - somos membros de grupos e de uma família, sua ideia é de que esses dois mundos sejam opostos, assim como moral e imoral.

Aqui compreendemos que esses dois espaços se complementam e se fundem. Na rua se tem a casa, a rua também é casa, estar na rua é estar em casa. Compreendemos que alguns aspectos materiais são possíveis apenas em um. Sabendo disso, não nos interessa tratar a rua a partir dessa visão que não leva em conta determinada vivências, experiências e subjetividades.

Contudo, tomamos inicialmente do mesmo DaMatta (1997) o fato de reconhecer o espaço, em si, como uma parte indispensável da vida, pois "O espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida. Para sentir o ar é preciso situar-se, meter-se numa certa perspectiva." (ibid, p. 19). Pois trataremos aqui a partir do sentir, daquilo que afeta.

Consoante a Jane Jacobs (2011), as ruas e calçadas são os órgãos mais preciosos de uma cidade, pois é a primeira das coisas que qualquer pessoa externa quando se pensa em uma cidade e isso significa que "se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona (Jacobs, 2011, p.30). Ora, as ruas e cidades são interessantes não apenas por sua função e arquitetura, pois os usos e desusos dela, fazem parte da vida que pulsa ali.

Para isso, é importante perceber que os sujeitos que vivem, sobrevivem, utilizam e ressignificam elas (tanto a cidade como a rua) estão exercendo um direito que deve ser reverenciado. Como aponta Harvey (2014), não é apenas uma questão de acesso individual ou de um determinado grupo ao que a cidade abraça, sendo na verdade "um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos profundos desejos" (ibid, p.28); sendo assim a reinvenção

da cidade um exercício coletivo. O autor sublinha o sociólogo Robert Park, sobre sua definição de cidade que seria uma forma de refazer o mundo em que se vive de forma que estejam em conformidade com seus mais profundos desejos.

Ainda seguindo este pensamento, Park (1967) afasta a definição de cidade de uma perspectiva dura, que seria a de um aglomerado de sujeitos voltados para sua individualidade, ruas, edifícios etc. e a aproxima de algo mais subjetivo como um "estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos" (ibid., p.25). Ambos os estudiosos, em suas específicas áreas de saber, concordam que a cidade não é algo individual, ao contrário, é construída, pensada e vivida a partir do coletivo, não sendo somente uma construção artificial.

E dentro dessa utilização e criação coletiva, pensamos na troca entre essas ruas - enquanto territórios - e seus viventes: um resultado!

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (Santos, 2015, p. 96-97)

## **A RUA ENQUANTO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA**

A rua é aberta aos significados e eles sempre são contextuais a cada caso, teoria, epistemologia e etnografia, principalmente as experiências vividas a partir dela. Assim como a ciência busca entender o mundo mediante métodos racionais e conceituais, também devemos aplicar uma abordagem semelhante para compreender o significado e a sua função na sociedade. É apropriada para os mais diversos fins; por isso, tem esse caráter onipresente nas relações urbanas das Rodas Culturais e, de maneira ousada, do Hip-Hop. Pode se afirmar que é movimento! Assim como as identidades, assim como as suas construções, não é uma "entidade" estática. É um fato que ela é configurada socialmente. Há relações em que ela envolve os sujeitos e em outras em que é envolvida; estando

em "seus braços e abraços", todos os sujeitos se encontram, em alguma medida, sob uma tutela aberta as vacâncias. Mas ela não é de abandonar, pois nunca deixa de estar presente: seja no imaginário ou em sua forma geográfica, física. Ali não há frequentadores, para entendê-la como esse personagem, deve-se vivê-la e vivenciá-la.

Não existe apenas uma "rua"; existem ruas. As ruas são criadas e personificadas a partir dos afetos e intimidades de determinados sujeitos e grupos. Nenhuma relação "de rua" é imune ou distanciada de afetos. Quando se fala que "a rua sabe" ou "a rua vê", se está falando de uma rua em particular que tem ligação entre outras ruas, entre outras "entidades". A rua é um espaço personificado dentro da cultura que é onisciente em um grupo, mas que não conhece necessariamente as outras ruas. Mas todas estão interligadas pelo ethos comum.

Nossa visão do espaço privilegia explicitamente o aspecto processual, a dinâmica que resultam dos diferentes usos possíveis. O motivo da escolha é teórico: não acreditamos na existência prévia e selada de um conjunto de regras anexado a um conjunto de lugares. A regularidade existe precisamente em todas as maneiras pelas quais um lugar realmente passa a ser apropriado e utilizado. As regras para usar o espaço está permanentemente em construção. Mas, ao fazê-lo, a sociedade também estará construindo um conjunto de relações sociais úteis aos seus intérpretes. As atividades meio que "escolhem" seus espaços, apropriando-se deles, moldando-os e sendo moldado de volta. A distinção entre forma e fundo perde o seu significado, pois há combinações de espaços e atividades em que os primeiros são não apenas formas que abrigam um conteúdo eventual na medida em que contribuem para a sua realização. Da mesma forma, o que acontece num lugar não constitui apenas o essencial que, despejada num recipiente vazio, toma forma, pois contribui decisivamente para moldar e qualificar ambientes. Em suma, diríamos que um espaço é sempre o espaço de alguma coisa, assim como as coisas só podem acontecer em algum espaço. O problema da adequação da forma e do conteúdo revela-se uma falsa emitir. Isto resulta numa dificuldade prática: a etnografia de um espaço social pode ser apenas a etnografia do que acontece nele. (Vogel, 2009, p.49)

Por isso não é qualquer um, e particularmente não acredito que haja alguém, que conheça a rua em sua totalidade e complexidade. Ela tem diversas faces. Ela é igual a todas as outras, mas de maneiras muito diferentes, simbólica



e praticamente. Por exemplo, uma rua na Barra da Tijuca – bairro nobre da Zona Oeste do Rio de Janeiro - não pode ser pensada da mesma forma como uma rua no centro da cidade, em que a vida pulsa de modo diferente e em outro ritmo.

Há uma ética e moral entre elas que pode fornecer um sentido de unidade. Ética e moral que vão conforme os modos de convivência dos grupos, mas podem ser complementares, convergentes e até distintos.

Os artistas de freestyle se tornam os “MCs da casa”, aplicando aqui o sentimento de pertencimento aquela comunidade. Logo dentro desse espaço afetivo, os rimadores passam a ser cuidados, da mesma maneira também são cobrados pela sua postura. Logo, parte da rua também o cobra.

Dentro desse universo, por exemplo, há grupos que permitem utilizar, de maneira recreativa, maconha durante eventos de rua, enquanto outros, mesmo sendo favoráveis a utilização da planta, não a fazem. Em uma conversa informal, enquanto realizava pesquisa sobre a Batalha do Tanque (Silva, 2018), um dos fundadores da batalha e, naquela época o responsável por toda a gestão do evento, Luã Medeiros, mais conhecido como Luã Gordo ou apenas Gordo, apontou que todos os frequentadores da Roda tinham ciência de seu posicionamento quanto a legalização e utilização da maconha, porém em dias de batalha ele não fazia utilização naquele espaço, pois ele - e todos - sabiam de sua responsabilidade e que era um exemplo para as crianças que frequentavam a praça às quartas. Por isso ele pedia para que aqueles que quisessem fazer a utilização, não ficassem tão próximos ao local onde aconteciam as batalhas.

Tão por isso, que percebemos aquilo cantado por Ramonzin em "Os donos da rua", que *"conceito é o que traduz essa rotina. Onde ainda a principal moeda de giro é a palavra"*, carrega a valorização do que "não se compra", pois a palavra dentro da ética da rua vale mais do que dinheiro. A valorização da rua muitas coisas se encontram no intangível. O reconhecimento, conceito que é muito presente no universo da rua, é a confiança, como explana Arno Vogel, "a confiança é, por princípio, a negação da troca mediada pelo dinheiro e só pode existir entre pessoas" (p.88). Isso vai de encontro com o que Gordo representava



para a Batalha e como a sua palavra na rua, dentro da sua ética e moral, é valiosa.

FBC e Dougnow na música "O retorno é a única lei", também corroboram na ilustração da sabedoria impregnada nas ruas quando cantam que "[...]Assim sendo, humildade é o carro-chefe. Respeito quem merece e até quem não merece. Relevo e deixo rolar, todos vão ser julgados por Deus, até lá. O retorno é a única lei, as ruas sabem que foi verdadeiro. Não sabem da metade que eu passei e ainda querem me julgar por inteiro".

Existe uma certa moralidade, maleável, que transforma a rua em uma casa. Assim como é possível desenvolver o mundo da rua dentro de casa, deixando de ser um lugar onde se mora (Vogel, 2009, p.69), também é possível desenvolver a casa no espaço infinito da rua, pois ambos constituem o domínio da vida social. Nela se encontram os sujeitos com suas famílias. A família aqui pode ser representada de diversas maneiras, como grupos de rap, *crews* de dança, grupos de *xarpi*, entre outros tipos de afinidades artísticas ou de outros interesses em comum. As conexões estabelecidas nesse ambiente, através das Rodas e Batalhas, pelas ruas (simbolicamente ou não), durante as horas que compõem os encontros e eventos, transformam-se em "somente" mais um dia de reunião e encontros. De fato, outras interações acontecem em diferentes momentos, espaços e por variados meios além do contato direto. Essa proximidade e o reconhecimento de múltiplas afinidades comuns frequentemente resultam na formação de "famílias

Existe uma máxima popular que é "educação se aprende em casa". A rua enquanto espaço educativo, entidade fraternal, paternal e maternal, que serve de abrigo e casa, também educada. Assim a educação também vem da rua, se aprende na rua. Sabemos que existem "regras de etiqueta" nela e dela. Por isso que, parafraseando Emicida, *"a rua é nóiz (gostamos de nóiz, vivemos por nóiz)"* enquanto a soma da moral e ética - ou a falta delas - de um grupo, com as subjetividades daqueles membros pertencentes.

As Rodas Culturais se tornam locais de segurança e também abertura dentro do universo urbano, replicando ao seu modo a casa. Durante a Batalha do Tanque - falarei mais sobre ela à frente, em São Gonçalo, houve uma situação

que poderia não ter sido resolvida: um furto. Um frequentador daquela batalha teve a sua bicicleta furtada e, durante a apresentação da próxima disputa entre os MCs, um dos apresentadores, o mestre de cerimônias Mozart MZ falou ao microfone o que havia acontecido e acrescentou: *“Não se rouba dentro de casa! Se alguém viu a bicicleta do amigo, avisa. Isso não vai ser papo de x9, mas de coletividade! Não se rouba em casa e essa batalha é a nossa casa”*.

A bicicleta foi recuperada. Vemos que dentro desse universo existe um conjunto de expectativas e obrigações mútuas, pois há uma comunidade nas ruas que transcende a mera funcionalidade, como a formação de redes de apoio entre vendedores ambulantes e a criação de mecanismos de segurança e vigilância informais. As juventudes são como proprietárias naturais da rua ao mesmo passo em que são propriedades dela, porém em um tipo de fusão, elas também são parte, sendo assim são criaturas e criadores ao mesmo tempo.

A rua permite diferentes formas de sociabilidade e isso colabora com que ela pareça tanto com uma pessoa. Como nós: brinca, ri, se emociona e é aberta ao lazer. Isso é o que abre a possibilidade para conhecer a rua no outro e conhecer o outro diretamente através das suas subjetividades. Saber quem é quem, na rua, vai além do simples conhecimento. Além disso, significa saber quem é determinado indivíduo conforme as situações em que está participando; é a partir dela que entramos e podemos manter contato com o outro. A rua só existe enquanto tipificada como pessoa, por conta dos usos que damos a ela.

## **A RUA NAS VOZES RAP**

Quando iniciamos a pesquisa sobre Rodas Culturais e Batalhas de Rima (Santos, 2018), a rua foi um personagem muito importante dentro do estudo para compreendermos como as questões de identidade, resistência e re-existência estavam presentes na Roda Cultural - Batalha do Tanque. A rua se mostrou importante e imponente dentro da fala dos atores que conversamos.

Também, dentro da mesma cultura, esse espaço de movimentação e entidade, é citada em diversas músicas. A música é um componente muito importante dentro da cultura Hip-Hop, sendo ela um dos elementos primordiais.

A música não deve ser estudada isoladamente, ao contrário, é enriquecedor entendê-la de acordo com seu contexto social e cultura; um processo dinâmico que interage com a sociedade e cultura (De La Barre, 2012). Música não pode ser vista apenas como o produto final, mas sim como um processo contínuo, o que inclui a criação, performance, recepção e evolução. A partir disso, podemos compreendê-la a partir de como elas podem influenciar e como influenciam, pois, de forma que:

nem a sociologia, nem a etnomusicologia olham para a música como um objeto em si, mas sim como um objeto em relação, e, cada vez mais, como um processo, com as dimensões mais gerais do social ou da cultura conforme as respectivas tradições e cada vez mais as dimensões do social e da cultura. (Ibid., p. 116)

Conforme o objeto que estamos dialogando, iremos analisar alguns trechos de músicas que contrastam com aquilo que viemos discutindo até aqui. As obras escolhidas foram selecionadas a partir de alguns critérios consoantes à pesquisa:

- i) A obra deve estar dentro do recorte temporal entre 2010 a 2024;
- ii) Por se tratar de um diálogo com as Rodas Culturais e Batalhas de Rima, as músicas selecionadas são interpretadas ou escritas por artistas que têm sua história vinculada ao movimento cultural;
- iii) A partir do nosso recorte geográfico, os artistas selecionados são cariocas.

A partir desses critérios, encontramos uma diversidade de músicas que explanam a rua de diversas maneiras e fins.

A primeira letra a analisarmos o uso criativo da rua, se trata da música “Sonho Das Esquinas” (2019), dos artistas BK e Felipe Ret, produzida por Portugal no Beat.

[...] Ret e BK', nova era, essa porra aqui não é novela  
A missão tá sendo cumprida com foco, sem tempo pra perder com pela  
Nós vai tá melhor agora, nada é da boca pra fora  
Atirando lírica sem dó, nós vai tá da melhor forma  
Pique rua, dez na prova, playboy se incomoda  
Quem transfere a resposta tá cavando a própria cova  
Nêgo, ouve a revolta do povo, o poder do meu santo  
Tribal 808 nossos tambores rufam [...]  
Mantendo vivo o sonho das esquinas (oh, me mantenho vivo)

Mantendo vivo o sonho das esquinas (oh, me mantenho vivo)  
(BK e Felipe Ret - Sonhos das Esquinas - 2019)

Inicialmente, neste trecho, os artistas colocam a rua como um contraponto aos "playboys". A rua aqui se mostra como uma possibilidade de existência díspar das classes mais abastadas, até burguesas. A rua é considerada um espaço de confirmação identitária a partir da diferença e distanciamento. Ser "rua" está próximo ao sujeito embebido em uma determinada malandragem.

A rua mostra a autenticidade e realidade, pois "pique rua" sugere que o sujeito tenha uma atitude autêntica e realista, contrastando diretamente com a ficção da frase anterior "essa porra aqui não é novela"; a rua é a representação de uma realidade, longe daquela imaginada. Assim também é tida como o símbolo de resistência e luta, pois nesse espaço, as pessoas enfrentam diversas adversidades e batalham por seus sonhos, já que está "mantendo vivo o sonho das esquinas (oh, me mantenho vivo)".

Na música "Nome nas Ruas", também de BK (2022), a rua é vista como meio de reconhecimento e respeito, pois fazer o "nome nas ruas" significa conquistar o respeito por meio de desafios do cotidiano.

Há também a autenticidade e legado que é ganho e formado nas ruas, pois a rua é uma afirmação de onde o legado é construído com base em experiências significadas e significativas.

Eu tenho cicatrizes que às vezes sangram  
Crises que às vezes cantam  
Eu tenho anjos e demônios  
E o que faz eu ser quem sou é a forma que eu controlo isso  
Ela senta no meu colo e fala: É isso  
Viver pode ser bom  
Os deuses prometeram  
Então sem arrependimentos, decepções ou tédio  
O tempo é curto  
Não vou usar o meu como remédio  
Eu fiz o meu nome nas ruas  
Recebi amor e as lutas  
E quando ela beija minha nuca  
Eu esqueço que a vida é curta  
(BK (participação Carlos do Complexo) - Nome nas Ruas - 2022)

Outro artista que tem sua história narrada de forma que passa pelas Rodas e Batalhas, é TZ da Coro, que na música "Castelo de Areia", com participação dos cantores Veigh e Djonga, o carioca inicia com o seguinte verso:

Daqui de cima eu vejo as nuvens, a saudade me destrói  
Me perdoa se nesse jogo eu não sou um herói  
Eu vou atrás da vitória se ela não vem até nós  
Se a rua for uma selva, eu sou um leão feroz [...]  
(TZ da Coro (participações de Veigh e Djonga) - Castelo de Areia - 2023)

A partir desse trecho podemos ver outro aspecto da rua: o de ambiente hostil para determinados grupos. Quando comparada a uma selva, simboliza um ambiente desafiador, o que reflete a e na realidade dura - principalmente de "quem é rua" - dentro da vida urbana.

Enquanto na música "Criminal", do Mc Orochi com participação de Baco Exu do Blues e Djonga, temos dois momentos em que a rua é apresentada de duas formas. Na primeira, Orochi canta

Criminal, criminal, criminal, criminal  
Ma-mano, eu nasci desse jeito  
A rua me fez ver a vida sem medo  
Criminal, criminal, criminal, criminal  
Ela diz: Qual foi desse preto?  
Ele diz: Meu ouro parece suspeito [...]

No primeiro momento, a rua é descrita como formadora, pois a partir dela é possível ver a vida de uma forma lógica, apesar dos desafios, podendo assim conceber uma visão destemida da vida, pois a rua representa a realidade dura e muitas vezes perigosa da vida urbana.

Logo após, em outro verso, dessa vez cantado pelo baiano Baco Exu do Blues, temos o seguinte:

[...] Pouco tempo pra dormir  
Uma gostosa mamando, tentando expulsar o meu ódio  
Essas ruas dependem de mim  
A raiva atrapalha, preciso ser lógico  
Que-quem é de fora não entende  
Acha que falamos por código  
Eu não aceito perdão  
Prefiro pagar seu velório (criminal) [...]  
(Orochi (participação de Djonga e Baco Exu do Blues) - Criminal - 2023)

Quando o artista fala que "as ruas dependem de mim", podemos observar uma visão da rua enquanto comunidade, pois enquanto uma figura influente, suas ações e decisões geram um impacto direto ou indireto, na vida das pessoas ao seu redor. Seguindo a frase "quem é de fora não entende", é um indicativo de que a rua tem sua própria cultura e linguagem, que pode ser incompreensível para aqueles que não fazem parte desse ambiente. Isso reforça a ideia de uma identidade coletiva e de códigos de conduta específicos da rua.

### A RUA PELAS RODAS

A minha época, pra gente fazer valer a nossa palavra aí, a nossa cultura, ou o movimento, como queria entender, a gente tinha que ir pra rua, fazer palestra, palestrar na rua e fazer passeata também, enfrentar os caras furiosos que não queriam aquele bando de preto e brancos, não tão brancos assim, a maioria pretos, andando nas ruas, reivindicando os direitos, né? Como cidadão e como rapper. (Dexter, 2011)<sup>iii</sup>

Não apenas através das músicas que essa cultura demonstra a importância da rua. Esse espaço, tão caro, é meio de produção e reprodução de potências artísticas e subjetivas. A sua importância é dada em diversos aspectos. A rua é espaço de acontecimentos e de grande importância para o movimento cultural do Hip-Hop e, conseqüentemente, para as Batalhas de Rimas e Rodas Culturais. Nosso estudo se trata de um fenômeno cultural recente, pois, como aponta Rôssi Alves (2013), as Batalhas de Rimas são anteriores as Rodas Culturais, porém ambas efervesceram dentro dos anos 2000, tendo assim pouco mais de 12 anos de existência.

Com esse fato, é importante pensar o fenômeno, suas utilizações e utilidades não apenas com o olhar acadêmico, mas também a partir de uma visão mais aproximada. Isso, pois para nós é importante compreender e levar em consideração os saberes que estão fora da academia. Não é segredo que esses saberes, muitas vezes não escritos em livros, estão imersos na sabedoria vinda da experiência dos sujeitos.

Aqui levamos em conta que não estamos dando voz aos atores, mas sim, estamos os ouvindo e articulando esses dois tipos de saberes. Não é dever do pesquisador falar pelo ator, pois isso é negar-lhes o poder da fala e a

potencialidade do seu saber; função aqui é falar “de” e “sobre”. Isso aproxima o pesquisador do fenômeno que está sendo estudado e leva em conta aquilo que as pessoas fazem dele, pois são feitos por uma grande diversidade de pessoas, subjetividades e objetivos.

Tendo isso em mente, para compreender como é a rua, o que é feito dela e a partir dela e toda a sua importância, conversamos com artistas e produtores.

Conversar com essas pessoas, trouxe um aspecto desafiador. Em primeiro lugar, devemos nos afastar da ideia de que por um jovem estar na rua, em uma Batalha ou Roda, ele está desocupado. Essa ideia não leva em conta a quantidade de atividades que uma pessoa consegue articular dentro daquele tempo-espaço.

Estar na rua é uma das grandes, caso não seja a maior, ocupações artísticas e profissionais desses sujeitos. No decorrer de idas e retornos das Batalhas, as movimentações eram incessantes: quando se falava com um MC, é comum ser interrompido por um admirador querendo uma foto ou apenas apertar a mão e dizer que aprecia o trabalho daquele artista, porém por vezes também há uma negativa de que não poderia falar naquele momento, pois estava se concentrando para a batalha que ia começar em pouco tempo.

O sujeito quando ali, de peito aberto na rua, colocando o seu corpo para a arte, é o seu próprio gestor de imagem e carreira. A todo o tempo aquela pessoa é observada e seu gestual, sua postura (que é um componente da identidade exigido por todos os que estão em volta, pois uma pessoa sem postura não é uma pessoa de confiança, logo não merece o respeito) é colocada em xeque. Sendo seu próprio gestor, dono do seu tempo e arte, o valor dado por eles faz com que o seu espaço pessoal dentro daquela esfera pública seja considerado.

Os produtores, sempre se mostraram muito solícitos, porém não menos ocupados: quando estão na rua, na verdade, estão em seu escritório - se equiparmos pelo modo formal empresarial - e devem proceder conforme o que aquele espaço pede: eles são responsáveis por aquele espaço público, por mais irônico que seja, também pelas pessoas que ali estão, pela estrutura, pela logística e tudo o que gira em torno do evento. Quando há uma equipe, há um coordenador ou gestor e isso não deixa os sujeitos menos atarefados.



Dentro desse universo, conversar com esses sujeitos dentro desse espaço de fora, foi em si uma grande experiência para entender, entre diversos, alguns de seus significados. Vale pensar que essas pessoas, dentro desse grupo, comunidade e universo, desempenham um papel em praça pública. Todas as interações são permeadas por aquilo que eles desejam mostrar, seja por meio de representações quanto com as práticas defensivas e protetoras Goffman (2002).

Historicamente, o Hip-Hop é ligado a rua e a rua ao Hip-Hop. Há uma grande e abrangente quantidade de documentos que endossam esse fato. Assim como a boate Mars, criada por Yuki Watanabe, teve grande importância para Nova York e seus rappers nos anos 80, em vista que os jovens escutavam rap pelas ruas, mas os clubes da cidade não aderiam ao gênero. O Hip-Hop estava nas ruas, onde os artistas aprendiam, se conectavam e aprimoravam sua arte e tinha na boate um local para se expressar. Os renomados e mundialmente famosos: Q-Tip, Big Daddy Kane, KRS-One, Public Enemy, Ice Cube, Kool Keith, The Jungle Brothers, Kid Capri, DJ Scratch, Jaz-O, Jay-Z e Rakim eram alguns dos nomes que frequentavam Mars. Na rua não há vagabundos! Só há quando vem de olhar preconceituosos.

A gente é vezes visto como vagabundos. Muitas vezes. Entendeu? É muito complicado. Então isso é o que a gente mais tem dificuldade hoje em dia. É a gente conseguir, desde sempre, né, até hoje em dia é a gente conseguir ter ajuda desses lugares. Deles enxergarem a gente, né, realmente enxergarem o nosso trabalho e verem que, cara, a gente não tá ali porque a gente quer fazer uma roda e fica todo mundo tocando só, é rap, e Hip-Hop, bebendo, enchendo a cara e... não! A gente está fazendo isso porque tira muita gente da rua, a gente tira muita gente de lugares horríveis fazendo esse movimento. Entendeu? Mas é óbvio, é difícil eles não querem olhar para a periferia, é difícil eles quererem olhar para o preto, é difícil eles quererem olhar para as mulheres, é difícil eles querem olhar pro lado do LGBT. Sabe, ainda está tendo um processo, ainda existe muito preconceito. Então é enfrentar esse preconceito, conseguir mostrar para eles o trabalho que a gente faz, né? (Ariela Assahi, 2024)<sup>iv</sup>

Esses movimentos estarem na rua, enquanto espaço geográfico, se mostrou importante em primeiro sentido por conta de algo que se aproxima de uma essência, mas é possível pensar enquanto raiz a partir da perspectiva de algo que é constantemente cultivado e, dessa árvore, os frutos e desses frutos

sementes. Cada uma dessas sementes tem em si a expectativa de uma grande árvore. Dentro desse panorama, como uma pequena semente pode se tornar uma poderosa e grandiosa árvore se não cultivada no solo fértil com a chance de crescer? A rua se mostra esse solo.

O olhar dos que estão na rua, passando por elas, são componentes importantes para toda aquele apanhado artístico que ali acontece. Ocupar espaços convencionais se torna uma tática política, porém a principal política feita por esses sujeitos é na rua. E de forma alguma a rua pode ser considerada aqui como imutável ou inegociável. Caso a observarmos a partir de um ponto de vista mais humanizado, há a possibilidade de modificar aqueles aspectos que são nocivos.

É muito diferente a gente fazer isso na rua e fazer dentro de um lugar assim. Pessoal gosta disso porque a cultura do Hip-Hop, ela vem daí. Né, então como que a gente vai tirar algo que é básico da cultura do Hip-Hop? Entendeu? Isso é muito bom porque a gente, estando na rua, também outras pessoas, que não conhecem esse tipo de cultura, não conhecem esse tipo de música, elas vão passar, vão ver e tem gente que não vai gostar. Tudo bem, ninguém é obrigado a gostar de tudo, mas tem gente que vai amar. [...] E aí chega lá e vê aqueles jovens incríveis batalhando, um mais inteligente que o outro. Dando a vida por algo que eles amam, sabe? Isso encanta as pessoas, atraí mais gente. Então é a rua, é o nosso lugar e a rua que a gente quer mudar também. (Ariela Assahi, 2024.)<sup>v</sup>

Assim também, a rua é um palco onde é possível maximizar a visibilidade artística dos sujeitos, funcionando também como vitrine. A ideia de visibilidade implica na forma que as manifestações culturais se comportam.

A rua é super importante, porque a rua acaba popularizando a arte do MC. Então na rua a gente consegue maximizar o máximo de público que talvez não teria condição de batalhar numa Batalha com essa estrutura no local privado, por ser caro. E nosso trabalho tem muito cunho social, tá ligado?! De poder tentar modificar, impactar a vida de pessoas que vivem pela marginalidade nesse sentido. Então, para a gente a rua é uma essência e faz parte do dna da Batalha do Tanque que é uma batalha que surgiu em si e permanece na rua mais de 600 eventos (Felipe Gaspary, 2024)<sup>vi</sup>

Há uma questão na rua que levanta um questionamento sobre o respeito e tudo o que gira em torno dele. Como se ganha o respeito e, além disso, quem

valida esse respeito na rua? Observando o movimento e toda a movimentação, dentro desse panorama, a resposta está no outro. Cada indivíduo é uma parte da rua. O outro atua como validador, transformando a entidade rua em um conjunto de signos, regras, afetos, códigos e condutas, onde todos são responsáveis, em alguma medida, pelo outro. Trata-se de uma experiência coletiva, e não individual.

Neves (1999) sugere que os indivíduos que se integram à rua devem inserir-se numa rede de comunicação, troca de informações, apoio e alianças de interesses. Essa integração não é apenas uma adaptação passiva, mas uma inserção criativa em um modo de vida e um conjunto de atividades produtivas. Assim, o respeito é conquistado através da construção da própria conduta, que se alinha com o papel definido por determinado grupo.

Dentro desse espaço, cada indivíduo desempenha um papel ou função específica, o que contribui para a estruturação do respeito. Por exemplo, ao passar por outros frequentadores, o simples gesto de acenar com a cabeça, semelhante a um "sim" silencioso, demonstra uma forma de educação e respeito mútuo.

A rua, enquanto espaço público urbano, é uma fronteira em constante movimento, definida pela disposição para a invenção de novos significados e apropriação de benefícios (NEVES, 1999). Essa dinâmica de significados e apropriações reforça a ideia de que a rua é um lugar onde as interações humanas e as relações de poder estão sempre em fluxo, permitindo que novas formas de respeito e convivência sejam constantemente negociadas e redefinidas.

É, cara, a gente tá tendo o respeito da rua, tá podendo chegar e ver os olhares de pessoas tendo a gente como referência, né!? A gente leva essa parada na risca, esse respeito, essa humildade aí, esse pé no chão, pra poder tá sempre mantendo o respeito, certo? Respeito mútuo. Respeito gera respeito, tá ligado? (Choice Mc, 2024)<sup>vii</sup>

Outro fato é o aparecimento da rua como figura educadora. Dentro dessa visão, a rua age como espaço educador dos códigos: a partir deles é que se é possível compreender as dinâmicas e rupturas entre o que é "certo e errado". Porém, nesse teor educador dado a rua, enquanto um espaço social, não se

trata apenas de uma educação básica, também há a educação empreendedora e econômica que é dada através das relações criadas pelo indivíduo. As suas redes de conhecimento corroboram para poder ter algum tipo de vantagem dentro de determinados jogos de interesses, pois toda relação interpessoal é alvo de algum tipo de interesse. A rua, portanto, transcende sua função primária de deslocamento, transformando-se em um verdadeiro laboratório social.

A rua é um lugar de vivência real. Onde você aprende a malandragem. Sai da bolha da família dentro de casa e até da escola e passa a ver coisas diferentes, conhecer pessoas diferentes. A rua te ensina a se cuidar e tem o lado bom e ruim que você vai conhecer e escolher para onde seguir. Acho que é isso. Escolhas e vivências. Os amigos que fazemos nos ambientes que frequentamos quando estamos na rua também podem virar família e você vai discernir entre verdadeiro e falso porque aprende na marra. A importância para as rodas se encaixa em tudo o que eu disse acima. A rua vai criar o mc, o dj, o produtor... até ele começar a seguir o caminho e se encontrar nesse lugar de artista. Vai se apresentar para o "mundo" e botar para fora toda a vivência que adquirir nessas experiências que a rua vai ensinando durante a vida. Quem não anda nas ruas e não conhece as ruas é peixe fora d'água e a vida derruba em algum momento. (Lilo, 2024)<sup>viii</sup>

Existe uma gigantesca potencialidade e possibilidades que só é possível ver nas ruas, pois existe um grande poder de realização desses sujeitos, inspirados por suas vielas e esquinas, pois eles não desistem de si, por mais que estejam em algum tipo de encruzilhada da vida.

O espaço da rua, enquanto local de construção, também é um território de disputadas. As identidades são também meios de disputas dentro desse universo de Rodas e Batalhas. Há uma disputa dentro dessa cultura, assim como ela, as identidades também são meios e espaços de disputas pela visibilidade e respeito (Hall, 2003).

A rua se torna um espaço para além da sua extensão física, ela não se transmuta, mas se faz presente e importante. Ela consegue ser vista de modo que garanta determinada autenticidade e autoridade perante os demais. O valor que se ganha na rua e como se valoriza algo que advém dessa dinâmica, faz com que se vença ou se perca algo para a cultura ou - talvez - para o outro. Existe um grito dentro das Batalhas de Rima dado antes dos MCs começarem a

disputa que ilustra esse fato: “Se não perdeu nada pro rap, você nunca vai ganhar. Vai matar ou vai morrer? Vai morrer ou vai matar?”

Figura 1 – Discussão sobre questões envolvendo a rua em redes sociais



Fonte: Twitter/X<sup>ix</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rua, mais do que um espaço físico, é um território de experiências, trocas e disputas simbólicas. No contexto do Hip-Hop e das Rodas Culturais, ela assume um papel central na construção de identidades, no estabelecimento de redes de sociabilidade e na ressignificação da cidade pelos jovens que a ocupam. Esse estudo buscou compreender a rua não apenas como um cenário, mas como um agente ativo na produção cultural e na afirmação de subjetividades, sobretudo no universo das Batalhas de Rima.

Partimos da compreensão de que a rua opera como um espaço dinâmico e multifacetado, sendo tanto um palco de expressão quanto um território de resistência. Essa perspectiva permitiu analisar como as Rodas Culturais e Batalhas de Rima se apropriam desse espaço, ressignificando-o a partir de lógicas próprias que combinam ancestralidade, performance e pertencimento.

Diante disso, buscou-se responder à seguinte questão: de que maneira a rua influencia as práticas culturais e identitárias das Rodas Culturais e Batalhas de Rima? Para tanto, objetivou-se investigar como esse espaço é vivido e ressignificado por seus frequentadores, analisando as interações que nele ocorrem e os significados que dele emergem.

Para responder à questão central, a pesquisa combinou teoria e análise empírica, estruturando-se em diferentes seções. Inicialmente, exploramos a rua como um conceito sociocultural a partir de autores como Harvey (2014), Jacobs (2011) e Vogel (2009), destacando sua função na cidade e suas múltiplas camadas de significado. Em seguida, analisamos a rua como um espaço de convivência, onde interações e dinâmicas urbanas influenciam a construção de identidades. Depois, investigamos sua representação nas letras de rap, demonstrando como a música reafirma pertencimento e resistência. Por fim, aprofundamos a discussão sobre as Rodas Culturais e Batalhas de Rima, examinando as narrativas de artistas e produtores para entender como esses espaços se articulam na lógica urbana.

Cada discussão contribuiu para ampliar a compreensão do papel da rua no Hip-Hop e nas Rodas Culturais. Compreendemos que a rua não é apenas um espaço físico, mas um território simbólico e afetivo, onde se desenrolam disputas e ressignificações constantes. Além de ser um local de convivência e troca, a rua se estabelece como palco de criação e fortalecimento de identidades coletivas, reforçado pela música como ferramenta de enunciação da experiência urbana. A análise das Rodas Culturais mostrou que esses espaços são essenciais para a juventude periférica, funcionando como ambientes de socialização, aprendizado e formação artística. Os relatos evidenciaram que a rua é mais do que cenário para essas expressões: ela é um agente ativo na construção de subjetividades e na expansão das possibilidades dentro da cultura Hip-Hop.

Os resultados apontam que a rua desempenha um papel fundamental na construção das identidades periféricas e na consolidação das práticas culturais ligadas ao Hip-Hop. Ao conectar as diferentes abordagens discutidas, percebe-se que a rua não apenas abriga essas manifestações culturais, mas também as transforma e é transformada por elas. A cultura urbana, nesse sentido, emerge



como um campo de disputa simbólica e de resistência, onde os sujeitos negociam seu pertencimento e afirmam sua existência no espaço público.

Além disso, a pesquisa contribui para os debates sobre cultura urbana ao demonstrar que a rua não pode ser compreendida apenas a partir de uma perspectiva material. Ela deve ser vista como um espaço de relações sociais e produção cultural, onde se articulam diferentes formas de sociabilidade e de construção simbólica. Esse entendimento reforça a importância de estudos que abordem as práticas culturais urbanas a partir de uma perspectiva interdisciplinar, reconhecendo a complexidade das dinâmicas que se desenvolvem nesse território.

Como continuidade desta pesquisa, pretende-se aprofundar, em uma tese no campo da Sociologia, as implicações dessa relação entre a rua, o Hip-Hop e as Rodas Culturais. Um dos caminhos possíveis é expandir a análise para outros contextos urbanos, investigando como diferentes territorialidades influenciam a forma como o Hip-Hop é apropriado e ressignificado em distintos espaços. Além disso, pretende-se explorar com mais profundidade as relações entre oralidade, performance e resistência no contexto das batalhas, aprofundando o entendimento sobre a rua como um espaço de criação e contestação dentro da cultura Hip-Hop.

## Referências

Bíblia Sagrada Ave-Maria, 141. ed. São Paulo: Editora Ave- Maria, 1959, (impressão 2001)

BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Companhia das Letras, 1990. 1ª ws. [Le città invisibili, 1972] Tradução: Diogo Mainardi

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed. - Rio de Janeiro: 1997



DE LA BARRE, Jorge. Sociologia e etnomusicologia: o diálogo. p. 115-128, 1. sem. in: Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia — n. 32, 1º sem. 2012, (n. 1, 2. sem. 1995). Niterói: Editora da UFF, 2012.

DEBORD, Guy. Teoria da deriva. Revista Internacional Situacionista, nº 2, p. [número das páginas], dezembro 1958. Tradução em português por membros do Gunh Anopetil, publicada em Protopia, março 2006. Disponível em <https://bibliotecaanarquista.org/library/guy-debord-teoria-da-deriva> Acesso em 20 de julho de 2024

DURKHEIM, Émile. Da Divisão do Trabalho Social. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Martins Fontes, 2003 [1912]

FERNANDES, C. S., & HERSCHMANN, M. (2020). Música, sons e dissensos: a potência poética feminina nas ruas do Rio. MATRIZes, 14(2), 163-179. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i2p163-179>

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; BARROSO, Flávia Magalhães; SILVA, Lawrenberg Advíncula da; BELART, Victor (Org.). Cidades em festa: comunicação, territorialidades, imaginários e ativismos políticos. Cáceres: Editora UNEMAT, 2023.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Olojá: Entre encontros - Exu, o senhor do mercado. Das Questões, [S. l.], v. 4, n. 1, 2016. DOI: 10.26512/dasquestoes.v4i1.16208. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/16208>. Acesso em: 13 jul. 2024.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Ed. 10. (2002) Tradução: RAPOSO, Maria Celia Santos. Petrópolis, Vozes: 1985

HABERMAS, Jürgen. Moralidade e consciência moral: Reconstrução de uma razão prática no marco da ética do discurso. Tradução de Flávio A. Moura Neto. São Paulo: Edições Loyola, 1990

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações. São Paulo: Loyola, 2003

HARVEY, D. O direito à cidade. Lutas Sociais, [S. l.], n. 29, p. 73–89, 2012. DOI: 10.23925/ls.v0i29.18497. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18497>. Acesso em: 31 jul. 2024

HARVEY, D. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014

JACOBS, Jane Morte e vida de grandes cidades / Jane Jacobs; tradução Carlos S. Mendes Rosa ; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro ; revisão técnica

Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Coleção cidades)

JORDAN, D. P. (1995). Transforming Paris: The Life and Labors of Baron Haussmann. Free Press. Disponível em [https://docdrop.org/ocr/download/David-P.-Jordan-Transforming-Paris---Part-1-of-2-blu4b\\_ocr.pdf](https://docdrop.org/ocr/download/David-P.-Jordan-Transforming-Paris---Part-1-of-2-blu4b_ocr.pdf) Acesso em: 2 de junho de 2024

KAKOZI KASHINDI, Jean-Bosco. Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva. Veritas, São Leopoldo, v. 15, n. 254, p. 17-34, 2017. Tradução: Henrique Denis Lucas. Disponível em: <https://www.unisinos.br/institucional/periodicos-unisinos>. Acesso em: [DATA DE ACESSO]. ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online).

KERN, Leslie. Cidade feminista: A luta por espaço em um mundo desenhado por homens. Oficina Raquel, 2021. 256 p. ISBN 6586280710, 9786586280715.

MARTINS, Raquel Márcia Fontes. Línguas & encruzilhadas: Pambu Njila e o poder da palavra no candomblé de angola. III Copene Sudeste. Vidas negras importam: afirmação de direitos das populações negras e indígenas e fortalecimento da luta antirracista. Campus de Goiabeiras - Alcor de Queiroz Araújo. Vitória: 2019

NEVES, Delma Pessanha. Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos. In: CADERNO CRH, Salvador, n. 30/31, p. 111-134, jan./dez. 1999

PARK, Robert. (1967), “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”, in G. Velho, O fenômeno urbano, Rio de Janeiro, Zahar

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

RAMOSE, M. (2019). Motho ke motho ka batho, an African Perspective on Popular Sovereignty and Democracy. 10.1093/oxfordhb/9780190253752.013.43.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas. 1908. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf> Acesso em 21 de julho de 2024

SANTOS, Milton. por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Milton Santos. - 25ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVA, Guilherme Marcelino dos Santos. Roda Cultural Batalha do Tanque, o que vocês querem ver? “Sangue”, orgulho e identidade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2018. Orientadora: Profª Drª Rôssi Alves Gonçalves.

SILVA, M. G. C. F. (2019). Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 11, e10180179. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180179>

SOUZA, T., & CUNHA JUNIOR, H. (2024). A Ética Ubuntu dos Bairros Negros. *Intellèctus*, 23(1), 93–117.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. Rio de Janeiro: UUCAB, s.d.

VOGEL, Arno. *Quando a Rua Vira Casa: Espaço Público e Espaço Privado na Cidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

Fundação Oswaldo Cruz. Na Diretoria Geral de Saúde Pública. Disponível em: (<https://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia/trajetoria-cientifica/na-diretoria-geral-de-saude-publica/reforma-pereira-passos>). Acesso em: 2 de junho de 2024

---

<sup>i</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>ii</sup> Utilizo aqui a palavra essência, pois a mesma apareceu em algumas entrevistas em que poderia ser substituída por "raízes" ou "criação". Mantenho o termo inicial para não mudar o que foi dito pelos atores entrevistados, mesmo compreendendo que o termo essência pode evocar a rigidez do entendimento de algo com características inatas e predefinidas; assim como uma universalidade e atemporalidade existente independente do contexto social que não leva em conta a diversidade e a fluidez que deve ser levada em conta. Vale ressaltar que a identidade cultural é um processo contínuo de negociação e significado (Hall, 1994)

<sup>iii</sup> RAP a poesia da rua. Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em rádio e tv. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 2011. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=a0WPSGYW2tY&t=8s&ab\\_channel=Imaginari](https://www.youtube.com/watch?v=a0WPSGYW2tY&t=8s&ab_channel=Imaginari). Acesso em 02 de junho de 2024.

<sup>iv</sup> Entrevista pessoal cedida ao autor em 13 de maio de 2024.

<sup>v</sup> Ibid.

<sup>vi</sup> Entrevista pessoal cedida ao autor em 29 de maio de 2024

<sup>vii</sup> Entrevista pessoal cedida ao autor em 21 de julho de 2024

<sup>viii</sup> Entrevista pessoal cedida ao autor em 19 de junho de 2024

<sup>ix</sup> Disponível em [https://x.com/nabrisa\\_oficial/status/1815913476361183451?t=kobMPigtn-1d\\_HVm7cE3Ag&s=19](https://x.com/nabrisa_oficial/status/1815913476361183451?t=kobMPigtn-1d_HVm7cE3Ag&s=19) Acesso em 30 de julho de 2024